O tapa de Will Smith: reflexões

Para quem não viu, ontem, na noite da premiação do Óscar 2022, Will Smith, ao subir ao palco, deu uma grande bofetada no rosto do apresentador, Chris Rock. Acontece que, pouco antes, este havia feito uma piada, associando a esposa de Will, que sofre de perca de cabelos por conta de uma doença, com a protagonista de um filme antigo, onde a protagonista tem os cabelos raspados.

Will se levantou, foi em direção a Chris, se "armou", como podemos ver no comportamento físico e lhe desferiu um grande tapa no rosto. Não, não parece ter se tratado de encenação, como podemos ver no vídeo ao lado e, mesmo que fosse, a reflexão permaneceria, como poderíamos fazer a respeito de um filme.

E o que é que isso tem a ver com nosso assunto, aqui? Bem, na verdade, muito, assim como acontece com muitos dos acontecimentos cotidianos. Vejamos:

Em primeiro lugar, podemos *justificar* a ação de Will?

Bem, não estamos aqui para julgar ninguém, mas apenas para analisar ações que possam nos dar balisa para reflexões oportunas. Podemos, à primeira vista, colocar em cena a questão da defesa: Will estaria apenas defendendo a imagem e a honra de sua esposa, o que justificaria o ato.

Fosse há pouco mais de um século, o caso daria um belo duelo: haveria um desafio de onde, provavelmente, apenas um deles sairia vivo. Aliás, o "tapa na cara" vem justamente desse hábito passado: o desafiador, atingido em sua honra, com a mão ou com uma luva, batia no rosto do ofensor, desafiando-o para um duelo de armas.

> *757. Pode-se considerar o duelo como um caso de legítima defesa?*
>
> *"Não; é um assassínio e um costume absurdo, digno dos bárbaros. Com uma civilização mais adiantada e mais moral, o homem compreenderá que o duelo é tão ridículo quanto os combates que outrora se consideravam como o juízo de Deus."*
>
> *O Livro dos Espíritos*

Duelar, seja como for, é algo que torna o homem ridículo. Desperdiçam-se vidas e desenrolam-se sofrimentos em matéria de disputas banais que tem, aliás, quase sempre, a *honra* como ponto central da contenda.

> *759. Que valor tem o que se chama ponto de honra, em matéria de duelo?*
>
> *"Orgulho e vaidade: dupla chaga da humanidade."*

Os dois trechos acima foram extraídos de O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Claro, não estamos aqui falando de um duelo até a morte — coisa que, de formas diferentes, ainda acontece — mas podemos recorrer ao Livro dos Espíritos, em matéria da opinião concordante dos Espíritos a esse respeito. **Se você não sabe do que se trata o Espiritismo, que é uma ciência cuja teoria nasceu da observação racional e metodológica das manifestações e das comunicações espirituais, clique aqui** para acessar uma dissertação de mestrado sobre o assunto.

Lembrando: não estamos aqui tomando essa obra como um código sagrado, mas, sim, trazendo-a para dar suporte, através da Doutrina dos Espíritos, à nossa reflexão. E vemos, afinal, aquilo que racionalmente se torna escancarado aos nossos olhos, mas que raramente queremos admitir: por trás de tudo está o orgulho ferido e a vaidade ameaçada. Afinal, no caso em questão, a resposta poderia ter sido *superior*: Will poderia ter aproveitado o ensejo para dar diversas lições morais sobre as questões ali envolvidas. Mas existem mais dos aspectos encerrados na questão; vamos a eles:

As paixões

No passado, lá no século XIX, era muito comum e claro o uso do termo *paixão* para designar o forte apego humano a um objeto, tema, pessoa ou sentimento. Assim, um homem *apaixonado,* naquela época, seria um homem desvairado no apego a determinada questão.

Hoje, é mais comum estar a palavra *emoção* associada a esse contexto. Contudo, entendendo o significado da primeira, julgo que a segunda não representa tão bem o grau elevado de apego, quanto a primeira. Por exemplo: um homem pode estar sentindo a *emoção* da raiva, mas essa emoção pode estar em diversos graus, sendo que, em até certo limite, essa emoção, que emana do ***instinto***, é útil e

benéfica (e.g.: quando sentimos raiva ao tentar abrir uma tampa rosqueada que não se solta: a raiva nos dá ainda mais força para abri-la, porém, se incontida, muitas vezes nos machuca no processo). Por outro lado, ao dizer que o homem está vivenciando a *paixão* da raiva, entende-se muito bem que ele esta num grau de apego muito elevado a essa emoção que, apesar de emanar do instinto, que é sempre útil e equilibrado, chegou num estado de loucura e incontenção.

E, então, segue, na mesma sequência, um complemento de Kardec à pergunta anterior, em OLE:

> *[759] a) — Mas não há casos em que a honra se acha verdadeiramente empenhada e em que uma recusa seria covardia?*
>
> *"Isso depende dos usos e costumes. Cada país e cada século tem a esse respeito um modo de ver diferente. Quando os homens forem melhores e estiverem mais adiantados em moral, compreenderão que o verdadeiro ponto de honra está acima das paixões terrenas e que não é matando, nem se deixando matar, que repararão agravos."*

É "bonito" ver que os próprios Espíritos, quando superiores, não nos julgam com desprezo. Eles denotam, sempre, que tudo está de acordo com a nossa evolução, isto é, com o nosso tempo e os costumes de cada povo. Um exemplo simples: antigamente, os samurais japoneses tiravam a própria vida, com uma adaga, ao se reconhecerem culpados e sem honra.

Mas o ponto principal está no final do parágrafo: "o verdadeiro ponto de honra está acima das paixões terrenas e que não é matando, nem se deixando matar, que repararão agravos". É em superando as *paixões* que encontraremos o verdadeiro ponto de honra, o verdadeiro sentimento, a verdadeira caridade. É através dessa superação que avançaremos para um novo estágio de sociedade, mas isso somente se faz pela *vontade e pela escolha individual*. Como, então, chegar a esse novo estado das coisas terrenas?

Kardec, em A Gênese (capítulo III), conclui: "Aquele que não domina as suas paixões pode ser muito inteligente, porém, ao mesmo tempo, muito mau. *O instinto se aniquila por si mesmo; as paixões somente pelo esforço da vontade podem domar-se.*". Contudo, esse capítulo termina aqui, na 5a edição dessa obra, que, hoje sabemos, tem fortes indícios de ter sido adulterada. Tomando a 4a

edição, temos o seguinte encerramento:

> *Todos os homens passam pelas paixões. Os que as superaram, e não são, por natureza, orgulhosos, ambiciosos, egoístas, rancorosos, vingativos, cruéis, coléricos, sensuais, e fazem o bem sem esforços, sem premeditação e, por assim dizer, involuntariamente, é porque progrediram na sequência de suas existências anteriores, tendo se livrado desse incômodo peso. É injusto dizer que eles têm menos mérito quando fazem o bem, em comparação com os que lutam contra suas tendências. Acontece que eles já alcançaram a vitória, enquanto os outros ainda não. Mas, quando alcançarem, serão como os outros. Farão o bem sem pensar nele, como crianças que leem correntemente sem ter necessidade de soletrar. É como se fossem dois doentes: um curado e cheio de força enquanto o outro está ainda em convalescença e hesita caminhar; ou como dois corredores, um dos quais está mais próximo da chegada que o outro.*

Muito importante esse encerramento original. Vai justamente mostrar o ponto central: domamos as paixões através de nossa vontade, no esforço realizado através de muitas encarnações, frente às provas e as expiações.

Portanto, aqui, tomando o caso de Will como exemplo, poderíamos dizer: foi um ímpeto de paixões que o levou a agir daquela forma. Provavelmente, agora se arrependa, em alguma parte, pelo que fez. E se tivesse uma arma e, num ímpeto, houvesse tomado a vida de Chris Rock? Bem, talvez, em algum momento, passasse a sentir uma culpa enorme. Essa culpa poderia lhe travar a jornada, por se achar sob um peso enorme do remorso e, principalmente, se acreditar que pecou e merece castigo. Como retomar a caminhada? Entendendo, afinal, que cometeu um **erro**, justamente por não saber lidar com as paixões. Perguntamos, enfim: que importa mais: castigar-se ou procurar formas de exercitar o aprendizado da contenção dessas paixões? Já que o segundo caso permite aprendizado e evolução, enquanto o primeiro paralisa, ficamos com a segunda opção. Há, então, uma última reflexão:

Quem foi que motivou todo esse desentendimento?

Bem, sabemos, pelo estudo do Espiritismo, que estamos *o tempo todo* cercados por uma "nuvem de testemunhas", como diria Kardec. Espíritos estão o tempo todo por toda parte e, por ser um planeta ainda muito atrasado, é natural supor que existam em maioria os Espíritos imperfeitos.

Na Revista Espírita de Outubro de 1858, no artigo “O mal do medo”, Kardec cita um ensinamento de São Luís:

> *Os Espíritos malévolos gostam de se divertir. Cuidado com eles! Aquele que julga dizer uma frase agradável às pessoas que o cercam e que diverte uma sociedade com piadas e atos, por vezes se engana, e mesmo muitas vezes, quando pensa que tudo isso vem de si próprio. Os Espíritos levianos que o cercam, com ele de tal modo se identificam, que pouco a pouco o enganam a respeito de seus pensamentos, enganando também àqueles que o ouvem. Nesse caso, pensais estar tratando com um homem de espírito, que no entanto não passa de um ignorante. Pensai bem, e compreendereis o que eu vos digo.*

Não que estejamos, aqui, afirmando que o apresentador seja um *ignorante* em qualquer aspecto. Apenas destacamos o trecho pois, muitas vezes, entre gracejos que alegram o público, somos alimentados mentalmente por Espíritos que visam nada mais que se divertir. Quando não estamos atentos a isso e não nos vigiamos, podemos levar muito longe essa identificação, até que, à custa de nossa infelicidade, caímos em ciladas como estas. Ora, seria demais supor que, fôssemos videntes, veríamos uma multidão de Espíritos inferiores, ao lado do ator, se *matando de rir* após ver a bofetada provocada pela péssima sugestão que possam ter dado, mentalmente, ao apresentador?

E isso tira a responsabilidade desse apresentador? Muito longe disso. Se vamos a um bar e cedemos às más sugestões de “amigos” levianos que nos incitem a uma briga, a culpa é deles ou é nossa? Cremos já estar bem respondida a questão.

É assim, enfim, que tiramos, da teoria espírita, lições diversas para o dia-a-dia, como, aliás, Kardec frequentemente fazia na Revista Espírita. Rogamos que essa teoria possa se espalhar mais e mais, a fim de influenciar positivamente a sociedade que, talvez mais do que nunca, procura tantas respostas para as questões morais e sociais da humanidade.

https://youtube.com/watch?v=u8NtoM5IiCk

Leia também:

O que é a Revista Espírita e como estudá-la?

As religiões e o novo mundo